

MOINHO DE ILUSÕES

**DELLA
COELHO
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Della

Moinhos de ilusões / Della Coelho. -- 1. ed. --
Campo Grande, MS : Ed. do Autor, 2020.

ISBN 978-65-00-09689-7

1. Ficção brasileira I. Título.

20-45341

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

*Dedico este Livro à minha Família, Presente Divino que ganhei.
Aos meus filhos, que são responsabilidades conferidas a mim
por Deus.*

*Aos meus irmãos biológicos que me receberam com todo Amor
do Mundo. Que bom que vocês existem!*

*À minha mãe Silvia, que me deu a Vida quando muitas teriam
me assassinado.*

*Ao meu Pai Dagmar, que me ensinou a Amar
incondicionalmente e a maior honra que podemos carregar:
HONESTIDADE!*

*À minha mãe, Querida Nair (In Memoriam), que foi minha
amiga e a minha inspiradora da verdadeira maternidade!
Esta, que esteve sempre ao meu lado, mesmo quando eu não
estava
a seu lado. Te Amo, Mãe.*

*Dedico este Livro aos meus Professores queridos aos quais devo
todas as minhas qualidades como Aluna e Educadora.*

*Dedico a todos os meus alunos para que saibam que moram
eternamente em meu coração!*

*Dedico também a toda criancinha que seu grito silencioso
jamais fora ouvido.*

Incluo nesta dedicatória o INSTITUTO MISERICORDES

SICUT PATER,

*Pe. Agenor... Minhas afilhadas... Divina Ruah... e a todos da
minha querida Cidade de Deus!*

Enfim...

Aos meus filhos... alegria certa de minha Alma...

Guilherme, Vinicius, Matheus e João Pedro...

*Os quais são a única certeza visível de que minha vida deu certo
e não poderia ter sido melhor!*

"Masalgumdiaemalgumlugar Tenho certezaqueeu vou te encontrar..."
(Angel)

NOTA DA AUTORA

Trata-se de uma obra de ficção, porém com uma homenagem singela a meus inesquecíveis amigos, professores e alunos os quais mantive diversos nomes originais ou semelhantes. Também baseei-me em minha própria experiência do magistério e muitas situações descritas neste livro realmente aconteceram, claro que pela estética foram romanceadas.

Gostaria de destacar que esta obra foi escrita em 2009 quando eu ainda morava em Fortaleza- CE. Quatro anos depois, já de volta a Campo Grande- MS, pude experimentar um pouco da “Academia do Bem” que já estava há anos em meu coração e que concretizou-se de certa forma em 2013.

Como professora de Literatura, creio que o livro é bom, mas... qual a mãe que acha feio o seu filho?!! Então, feito Machado de Assis, deixo aos leitores a decisão final!

Este livro foi feito especialmente para aqueles que acreditam no Amor e realizam-se somente buscando atingir a sua plenitude. Aqui estão registrados os maiores anseios de uma alma que buscou e busca sempre amar profundamente.

Aos racionais espero agradá-los com as peripécias da ingênua professora e com os feitos do honrado doutor.

Todos os personagens foram desenhados baseando-me em pessoas que conheci durante a minha vida, exceto os personagens Givan e Adrian, estes os havia encontrado somente em meus sonhos.

Parafraseando Shakespeare e meu querido Machado de Assis, há muitas coisas inexplicáveis neste mundo e relendo-o para a última correção, tudo o que digo é...

MAKTUB

PARTE I

1º CAPÍTULO

Era o mês de setembro, a primavera despontava pequenas flores coloridas demonstrando a graça natural e já mostrando a beleza multicolor que se apresentaria naquele ano.

A criança acorda sonolenta com a luz que passa pela vidraça que a mãe deixara aberta para que a brisa noturna refrescasse os sonhos da pequena.

Ainda estava na cama envolvida pela doce preguiça, quando lá de fora ouve uma voz bem conhecida de seus ouvidos:

- JACQUÊEEE!!!

Arregala os olhos e corre à janela da sala com um sorriso aberto nos lábios ao mesmo tempo em que solta com todas as forças o ar de seus pulmões:

- GI !!! JÁ VOU !!! ESPERA !!!

Mais rápida que Iracema, escova os dentes, toma seu café com leite e até faz seu fiel penteado - a parte da frente de seus longos cabelos cacheados são puxados para trás e presos por um laço de fita branco; assim, algumas madeixas caem pelos ombros deixando seu rosto livre ao mesmo tempo em que emolduram sua face como a de uma princesinha. O escuro de seus cabelos formava um belo contraste com o verde raro de seus olhos fazendo com que quem os visse rapidamente se voltasse para ter certeza de que eram realmente reais. Conforme a claridade, parecia que a menina era cega, tamanha a estranheza daquele olhar.

- Vamos! Ande!- já no quintal, a menina, procurando escapar da ordem de voltar cedo, empurra o amigo para fora do portão.

- JA... CQUE... LLI... NE !!!

Jacque suspira aborrecida olhando de cara feia para o rapazinho como se ele fosse o grande culpado da mulher chamá-la.

- O que é, mãe?

- Aonde vocês dois pensam que vão tão cedo? - a alta

senhora que possui os mesmos olhos da filha, porém de um verde menos raro, olha de um para o outro com as mãos na cintura.

- Brincar na praça, ué!!!

- Como é que se diz, mocinha?

Ela abaixa a cabeça e, com a boca em muxoxo, responde:

- Eu posso ir brincar na praça com meu amigo Givan, mamãe?

A madona sorri por dentro, faz uma cara de mais brava e finaliza a dramatização:

- Hum, assim está melhor! E não pense que não percebi a má vontade na resposta, viu?! Na próxima vez, quero *mamãe querida*! Pode ir sim, agora são 8 horas, quero que esteja de volta às dez em ponto! Nem um minuto a mais nem a menos, ouviu... Jacquelline?!!

Os dois já corriam em disparada.

Uma sombra passa por aqueles olhos maternos enquanto D. Rosa observa- os desaparecerem de suas vistas. Procura afastar qualquer preocupação, é muito cedo ainda, há muitas coisas a fazer durante o dia.

A praça fica a poucos quarteirões dali e ocupa o espaço de toda uma quadra. Diferente das outras da cidade, aquela era cheia de escadas; pois o local ficava em uma grande descida. Normalmente era muito visitada por babás e pais que levavam seus filhos para brincarem e maravilharem-se com a fonte luminosa que ficava bem no centro. Com isso, só sobrava isolado, sob uma árvore, um banco vazio que ficava lá embaixo na ladeira, meio escondido por arbustos e algumas flores.

Era ali que se sentavam.

Na praça, ali era o lugar dos dois amigos.

Correram até o banco de costume e se jogaram em meio a risos e brincadeiras.

Cansados de tanto gargalharem, Givan observa que Jacquelline olha as borboletas beijarem o perfume das flores recém- abertas pela nova estação. Pensa, nesta hora, que a amiga

é saltitante e colorida como aquele inseto. O pensamento o faz rir no silêncio raro que reinava entre os dois. O som inesperado despertou a menina que quis saber do que se tratava aquela risada sem a participação dela.

- O que foi?

- Nada!

- Conte *A-GO-RA!*

- Não conto não!

- Gi, conte... por favor!

- Ah... bom... agora sim, falou a palavrinha mágica *por favor!* Ela espera alguns minutos.

- Então...?

-...então o quê?

- *GIVAN GALLE !!! QUER FAZER O FAVOR DE CONTAR POR QUE VOCÊ ESTAVA RINDO!!!*

- Ah... isso! - ele cai na risada e continua calado.

- Por que você faz assim comigo? Não quer contar, não conte então!!!

Quando percebe que a amiga ficou realmente chateada; ele, já sem achar tanta graça, acaba explicando:

- É que você parece as borboletas!

- Borboletas? Eu?!!

- É, você não para igual a elas.

- Ah é?!! Borboleta então?

Abriu os bracinhos como asas e saiu saltitando, correndo, pulando entre as pessoas.

- ...Vem voar comigo, vem!!!

O menino ficou ali esperando que sua borboleta retornasse ao jardim.

Enquanto isso, ria e tentava entender por que achava Jacquelline tão diferente das outras meninas da idade dele.

Lembrou-se, então, de quando a viu pela primeira vez. Fora realmente um encontro inusitado.

Embora em uma cidade pequena todos se conhecessem, ele ainda não tinha idade suficiente para ter acesso a todos os

lugares e pessoas. Foi muito interessante, estava na primeira série da alfabetização e frequentava o Colégio Cristóvão Colombo.

No pequeno município, uma das poucas atrações turísticas que havia era um antigo casarão que pertenceu ao fundador do lugar. Inclusive, o nome da cidade - Moinho de Ilusões - fora inspirado no velho moinho que ainda estava em pé nos fundos da construção.

Certa vez, a escola organizou uma visita ao tal local para alunos do 1º Ano que fariam um trabalho sobre a fundação da cidade. A professora já tinha explicado, no início do bimestre, que no século anterior o casarão abrigava os únicos moradores da região, os Dutra; explicou ainda que, além de usarem a inusitada construção para moerem grãos, ela fora também desenvolvida para serrarem madeiras utilizadas na implantação da ferrovia que passaria pelo local. Isso trouxera prosperidade a essa família e atraía outras que ali chegavam em busca de trabalho na construção da estrada de ferro.

Aquele menino de olhos azuis, pele branca e cabelos negros fazia parte da turma da escola e, como todos no passeio, encantava-se com os móveis antigos, com o relógio que marcava eternamente 18h, com a banheira enferrujada e, principalmente, com a imagem que aparecia pela janela lateral de um dos quartos do fundo.

Atraído pela visão, sem que ninguém percebesse, desvencilhou-se da gritaria e falação da criançada e vislumbrou-se em pé, diante daquela Torre enorme - restos do antigo moinho - que apontava para o céu como se fosse uma seta para as nuvens. Percebeu, pelas aberturas como janelas, que era composto de três andares sendo que, no último, a abertura era tão extensa que deveria permitir que ele visse até sua casa lá embaixo.

Quis desesperadamente conhecer o terceiro andar da Torre.

Com a entrada aberta, alcançou rapidamente a escada que

o levaria ao piso superior e, dali, através de uma das janelas que vislumbrou lá de baixo, pôde ver que ninguém dera por falta dele ainda. Já no seguinte, viu a escada que o levaria ao terceiro andar; tomou coragem e subiu.

Lá em cima, qual foi a sua surpresa ao ver uma menina, um pouco menor do que ele, virada de costas, imersa em pensamentos e, no mais absoluto silêncio, contemplando a imagem à sua frente. Não poderia dizer quanto tempo permaneceu ali sem conseguir desviar seus olhos para a paisagem.

Percebeu, de repente, um leve movimento naqueles longos cachos e deparou-se com dois grandes e belos olhos verdes arregalados:

- Que susto!

- Oi.

Uma fileira de dentes de leite ilumina a face de mármore:

- Oi. Você veio com essa turma do Colombo?

- É, vim sim. – estranhando...

- ... eu reconheço o uniforme. Como é seu nome?

- Givan.

- Quantos anos você tem?

- Logo farei 8.

-Nossa, você é mais velho do que eu!...Vem cá, vem! Sente aqui comigo, me dê sua mão e olhe lá embaixo... aquela ali é a casa da minha vó, ela mora sozinha porque meu avô morreu antes d'eu nascer, os pais de meu pai também já morreram faz tempo, só tenho mesmo minha vó de vó ...a minha casa não dá pra ver daqui não... Gi, está vendo agora aquela nuvem no céu?...não parece uma Estrela? Você não acha? Eu queria tanto ver as Estrelas daqui, deve ser lindo à noite! Mas meu pai nunca deixaria eu sair de casa depois do pôr do sol...

- Podemos ver, então, o pôr do sol daqui. Também deve ser lindo! Eu amo o pôr do sol.

No meio da Torre, no terceiro andar, havia algo como uma caixa d'água feita de cimento, tomando toda a parte central

parecendo uma espécie de cama redonda à altura do início das janelas e acompanhando o formato circular do edifício de tijolos à vista. Era de grande valia para nossos visitantes, já que podiam sentar-se e até deitarem-se sobre o grande bloco. Já as janelas eram verdadeiros quadros abertos possibilitando a visão de toda a cidade, algumas fazendas e ainda pequenos vilarejos da região. Se deitassem e olhassem para cima, avistariam o velho traçado das madeiras que segurava o teto feito de telhas romanas.

Os dois estavam sentados um ao lado do outro, com as pernas trançadas como a meditarem, conversando sem parar como velhos amigos.

- Você vem aqui comigo?!... Amanhã à tarde, tá?

- Claro, eu moro aqui perto, combinado então... - franziu a testa -... como é mesmo seu nome?

-Jacque. - sorrindo ela completa - Jacqueline! Você ainda não tinha me perguntado! Minha mãe diz mesmo que falo demais, acho que falei tanto que você nem pôde perguntar...

Sua voz é abafada por uma série de vozes a chamarem desesperadamente o menino:

- GIVAN!!! GIVAN!!! ONDE VOCÊ ESTÁ?!!

Ele já tinha se esquecido completamente com quem viera. Antes de ele sair, ela pediu:

- Não conte pra ninguém que estou aqui, tá?

- Por quê?

- Porque só você conhece o meu lugar, Gi. Promete?

Deu de ombros rindo:

- Tá... tudo bem... prometo! Tenho que ir! Tchau, Jacque!

- Tchau, Givan.

Ela não desviou seu olhar até que ele desaparecesse pela escada.

Os olhos azuis voltam à realidade sem conseguir entender o que fazia aquela menina ser realmente uma borboleta.

Não conseguia entender ainda em seus 10 anos de idade, mas um dia ele saberia.

2º CAPÍTULO

Desde a visita do colégio ao casarão, há alguns anos, eles ainda não haviam conseguido ir à tardezinha para a Torre; embora sempre fugissem para aquele local.

Certa vez, porém, o pai da menina foi levar a esposa para uma consulta médica de rotina na metrópole vizinha e a filha ficou aos cuidados da avó, que aceitava bem mais os caprichos da única neta. Enfim, o tão esperado entardecer seria apreciado pelos juvenzinhos.

Ainda não eram dezessete horas e Givan já estava ansioso pela chegada de Jacque. Em aproximadamente uma hora, lá de cima, pôde vê-la correndo para subir até aonde ele estava.

- Gi, desculpe, minha vó não queria me deixar sair antes de acabar a lição.

- Nossa, cheguei mesmo a pensar que você não conseguiria de novo!

- Na minha vó? Lá é bem mais fácil, né? Ela acha que meu pai exagera. Aliás, todo mundo acha isso, menos ele!!! E naquela vez ele chegou bem na hora que eu pulava a janela! Lembra que eu fiquei de castigo por cinco semanas?! Sem contar a bela grade que enfeita meu quarto! Sem comentários!

- Jacque! Não fique tão aborrecida! Pense o lado bom, é mais difícil um ladrão entrar na sua casa!

Fazendo cara de nojo:

- Até parece! Gi, eu já tenho 13 anos, não sou mais uma criancinha! Sou estudiosa, odeio drogas, nada de namoros! Sei me cuidar, você me conhece!

- Fazem isso porque amam você!

- Não poderiam, então, me amar um pouco menos? Nunca imaginei que amor demais pudesse fazer mal!

- E não faz mesmo! Abaixar as asas, Borboleta. - ele sabia acalmá-la, era só chamá-la pelo apelido de criança que a fazia sorrir.

- Agora me fale de você... sua mãe está mesmo grávida?

- Não, pelo jeito serei filho único para o resto da vida...

assim como você!

- Sinto muito, sei o quanto vocês queriam um bebê em casa!

- Tudo bem, Jacque! Deus sabe o que faz! Deve ser melhor assim! Talvez seja importante sentirmos que a maternidade depende, principalmente, da Vontade Divina. Agora, já que é impossível minha mãe engravidar, meus pais vão aceitar a proposta daquela multinacional, como disse minha mãe... *é irrecusável!*

- Você vai embora então? – a amiga pergunta assustada.

- Não, eu não! Só sairei daqui quando me formar!

- Já sei... seguirá pelo mundo!... e eu vou sair voando atrás de você!

- Se não vier voando, coloco você em uma gaiola e trago junto comigo! – após pararem de rir um pouco - ... ficarei com meus avós, Jacque!

- Ah, meu amigo... sentirá muita falta de seus pais, eu sei!

- Claro que sim, mas se for melhor pra eles, tudo bem! Já não sou nenhuma criança. - olham-se alguns instantes com carinho - Venha, vamos ver o nosso pôr do sol pela primeira vez em nossa Torre.

- É, Gi, depois de tantas tentativas... estamos aqui finalmente.

Ali permanecem em sagrado silêncio assistindo ao sol-pôr. Somente a brisa marron-amarela do entardecer cobre o inesquecível momento. Às vezes, olham-se descobrindo-se... cada um tentando entender como o outro podia ter tamanha beleza!

Às vezes... as palavras escapam...

- Gi...

-Oi...

-Você promete não ver o pôr do sol aqui com nenhuma outra amiga?

- Prometo. - ele sorriu imaginando que não conheceria outra menina maluca igual àquela que teria coragem de subir

naquele lugar tão velho só para ver o entardecer.

Às vezes um suspiro atravessava o ar...

- Gi...

- Oi...

- Você promete que, quando formos maiores e livres, você me trará aqui para vermos as Estrelas?

- Tá.

- Tá, não! Tem que prometer.

- Tá bom.

- Tá bom o quê?

- Tá, prometo.

O sol já estava quase se pondo.

- Gi...

- Hum...

- Você já viu o Mar?

- Já, Jacques.

- e? - ele permanece em silêncio... - Fale, Gi!

- Não dá.

- Como assim *não dá*?

- É que ele é... Ele é... a coisa mais linda que a natureza já fez... não dá nem pra explicar!

Os dois sorriem.

Diante da beleza do ocaso estavam de mãos dadas como sempre ficavam em momentos assim.

- Gi...

- Oi...

- Promete me levar um dia pra ver o Mar?

- Você está me fazendo prometer demais! Meus avós dizem que uma promessa é algo muito sério e que a Bíblia diz que não devemos prometer nada!

- Minha professora de catequese disse que a Bíblia diz que não devemos *JURAR*, ela nunca falou nada de *PROMETER*! Mas tudo bem!

Alguns minutos depois...

- Gi, vamos inventar uma palavra pra nós dois que tenha

um significado muito forte e que não possamos descumpri-la jamais? Assim, não desobedeceríamos nem a seus avós nem à Bíblia.

- Bem... legal! Deixe-me pensar... posso dar minha *PALAVRA DE... HOMEM ?!*

- Não, que eu sou mulher, fica chato! *PALAVRA DE ...VERDADE ? ... não! PALAVRA DE... MORTE ? ...*

- ...credo!!! Claro que não!!! Precisa ser uma palavra bem forte tipo... Já sei! *PALAVRA DE VIDA!...* Pronto! É a palavra que só não cumpriremos ou mentiremos se estivermos mortos.

- Certo, então, de hoje em diante, se dissermos *PALAVRA DE VIDA* terá que ser verdade, temos de cumprir e nada pode descumpri-la, somente a morte. Podemos deixar de dizer a frase. Nenhum dos dois pode obrigar o outro a falar; mas, se disser, terá que ser verdadeiro. Doa a quem doer, combinado para sempre?

- Combinado.

- *PALAVRA DE VIDA?*

- *PALAVRA DE VIDA!*

Quando pararam de rir da brincadeira séria dos dois, Givan viu os olhos verdes de Jacqueline a fitarem os seus, segurou firme aquelas mãos e olhou bem para aquele rosto como se quisesse guardá-lo pelo resto de seus dias.

- *PALAVRA DE VIDA*, Jacqueline, que, quando crescermos, eu a levarei para conhecer o Mar.

E a escuridão logo desceu àquele lugar.

3º CAPÍTULO

Jacqueline e Givan moravam razoavelmente próximos já que, em uma cidade pequena, tudo é perto. Porém, estudavam em colégios diferentes.

Ela amava a escola que cursava o ginásio. Lá possuía muitos amigos e amigas. Era uma excelente aluna, fazia teatro, participava do time de vôlei e era líder de sala. Todos adoravam

seu jeito *espevitado*, como dizia sua avó. Difícil para seus colegas era não gostarem da presença dela.

A menina de verdes olhos era aquele tipo de pessoa rara que não somente olha às pessoas, mas as vê. Ao enxergar qualquer lampejo de tristeza, solidão, necessidade; põe-se prontamente como conselheira, companheira - verdadeiramente uma amiga! Faz isso a velhos conhecidos e também a recém-chegados, os quais enternecem seu coração por pensar que os mesmos sentem-se estranhos em terra diferente. Assim, conhece muito bem quase todos os moradores jovens do lugar.

Mas somente aquele a quem dividiu seu precioso lugar é que a conhece realmente.

Neste início do ano letivo- último que Jacque passaria na escola, pois já cursava o 3º ano do Ensino Médio- uma recém-chegada andava movimentando o colégio CEMI, seu nome é Gizele e entrou para a escola de Jacque. Como sempre, esta fez as boas-vindas à nova amiga e adotou-a para apresentar e enturmá-la até na cidade - se preciso fosse. Acontece que a outra não necessitava de tanto esforço assim, pelo menos na parte masculina, já que é uma daquelas musas que nasceram provavelmente no momento em que a natureza continha toda graça e beleza à disposição da mais nova concepção. Apesar de loira, olhos azuis, o que realmente encantava os rapazes era seu corpo que já possibilitava a visão de uma verdadeira ninfa que desponta. Enquanto a primeira desperta o carinho angelical e amigo de todos, a segunda arranca suspiros e pensamentos pecaminosos por onde passa.

Jacque participa da admiração que Gizele extrai. Não pelos mesmos motivos, claro; mas admira seu conhecimento e esperteza que, aliados à simpatia daquela, faz com que a amizade cresça cada dia mais. Com quase dezessete anos, Jacquelline parecia ter menos idade enquanto Gizele, um ano mais nova, aparentava já possuir a maioridade.

As duas encontram-se, diariamente, nos intervalos e aulas vagas:

- Jacque!!!
- Oi, Gi... e aí? Sua mãe deixou você ir lá em casa hoje?
- Não! - Gizele fala fingindo um olhar entristecido.
- Ahhh - Jacque fica arrasada, sem acreditar na resposta. Mas, de repente, a loirinha abre um enorme sorriso:
- Mas deixou... *AMANHÃ !!!*
- *PERFEITO !!! PERFEITO!!!*

As duas gritam, e pulam, e se abraçam, fazendo a maior festa arrancando olhares curiosos. Despedem-se combinando os detalhes para o dia seguinte que será um feriado municipal por marcar o início da ferrovia e o nascimento da cidade.

Jacqueline, após chegar do colégio e almoçar, normalmente passa as tardes estudando com Givan; depois os dois seguem visitar seus lugares e Jacque retorna para olhar as Estrelas pelas grades de seu quarto. Seu pai já está menos rígido, graças às intervenções da esposa, embora raramente deixe a única filha sair à noite e nos finais de semana. Quando isso acontece, pode ir somente acompanhada por Givan e depois do patriarca ter confirmado e aprovado o roteiro do passeio.

Jacque estava ansiosa para contar ao amigo sobre a visita que teria. Mal terminou de ouvir o diário “Jacquê”, a porta da sala já estava aberta para ele entrar.

- A Gi vem aqui amanhã!- foi logo dizendo.
- Ai, meu Deus! Até que enfim vou conhecer a famosa Gizele!!!
- Vai. Você vai adorá-la!
- Sei! Espero que sim! O último amigo que você me apresentou parecia um louco saído do hospício.
- Coitado, ele era super problemático com os pais!
- E por isso precisava andar só de preto e ouvir aquelas músicas barulhentas horríveis que você não entende nada do que diz, mas sabe que ele reclama do mundo?
- É verdade, acho que ficou revoltado mesmo de tanto ouvir aquelas porcarias!!!- o riso é inevitável - Pois será legal, Gi! Mas vai ser uma confusão daquelas a hora que chamar “Gi”,

vocês dois vão enlouquecer... ou eu, né?

- Você não! Mais louca do que já é, impossível, Borboleta!
E caem na risada novamente.

O feriado 20 de março finalmente amanhece e Jacquelline já está em pé por dois grandes motivos: Gizele iria a sua casa e era o aniversário de Givan.

Ele completava 18 anos.

4º CAPÍTULO

O rapaz morava com os avós desde que seus pais embarcaram para a Inglaterra quando ele ainda tinha quinze anos. Por três vezes já vieram matar a saudade do filho e retornaram à Europa. Claro que realmente sentia essa ausência, mas sempre fora maduro o suficiente para entender as necessidades financeiras de seus responsáveis. Nunca reclamou de tal situação, estava feliz e agradecido pelo amor dedicado de seus avós. Em troca, respeitava e cuidava dos pais de sua mãe - assim como a amiga, os avós paternos de Givan faleceram há muito tempo.

Não prestara o vestibular até agora por sentir-se ainda despreparado e, por isso, iniciara recentemente um cursinho para ingressar na UNESM, a mais respeitada universidade pública do Estado. Seu sonho era fazer Medicina.

Já havia tido alguns envolvimento amorosos na cidade, nada sério; porém jamais comentou sobre eles com Jacquelline. Por mais íntimos que fossem, sempre que ia tocar no assunto, era como se a desrespeitasse de alguma forma e, então, se calava.

Naquele dia sabia que a amiga aprontaria algo, só não conseguia imaginar o que seria daquela vez. Sempre havia uma surpresa diferente.

Nos primeiros aniversários, quando ainda eram crianças, chegava à Torre e deparava-se com algum bolo de terra com gramas e flores em cima, sem contar as bolinhas de lama em